



BEIJA-FLOR E ROSA-CHOQUE: ARTE COM SABOR DE FRUTA MORDIDA

Jussara Bittencourt de Sá¹

Neste artigo procuro discutir refletir sobre as interfaces de artistas e suas artes. Proponho observar os deslocamentos/diálogos entre as artes, aqui em especial, sinalizados a partir de composições dos artistas Rita Lee e Cazuza. O objetivo é verificar a presença, mediante as similitudes entre os referidos artistas, as possíveis influências, interferências de outros, bem como migrações de suas obras. Procuro, assim, destacar como a arte de Rita Lee e Cazuza, em versos, reflete imagens, como também migra, interfere, provoca, contesta, de maneira subjetiva evocando elementos culturais.

Sobre a arte e os artistas: A arte faz parte da vida humana, através dela os artistas representam seus tempos, sentimentos subjetivos e universais. Sempre constante na vida do homem, a arte é tão antiga quanto à própria humanidade. Ao se falar em arte, observa-se que, em sua história, já em tempos longínquos, o homem primitivo mesmo se preocupando com sua alimentação e sua sobrevivência, possibilitava aos músicos um lugar especial. Constatava-se que integração social através da Música, acontecia de forma sutil e emocional. De maneira geral, com os tempos, as artes foram tomando traços específicos, significando, assim, um agir e um fazer mais cuidadoso, mais primoroso, encharcado de sentimentos e do espírito de fineza. O fazer artístico pode ser considerado uma criação singular originária que estampa os tons do poético, a relação encantatória do ser humano consigo mesmo e com o cosmos. A arte emerge das dimensões da subjetividade humana e pode revelar, em suas linguagens, os meandros dos sentimentos, das paixões, dos sonhos, da percepção intuitiva em conjunto com a consciência meditativa. Essa reflexão aparece de forma expressiva, nas representações da dança, da música, do teatro, da poesia, das artes plásticas e tantas outras. Dentre as manifestações artísticas, sublinha-se a Música, por sua linguagem e a capacidade de estabelecer comunicação entre as pessoas das mais diferentes maneiras. A subjetividade da música parece impulsioná-la, traduzindo-a como uma das artes mais sociais. Neste contexto da música, focalizam-se, neste artigo, os artistas Rita Lee e Cazuza.

¹ Doutora em Literatura/UFSC. Professora e pesquisadora da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL.
E-mail: jussara.sa@unisul.br.



Rita Lee Jones, a Rita Lee, é filha de pai de origem norte-americana e mãe de origem italiana. Entre 1966 e 1972, ela foi integrante dos *Mutantes*, inicialmente *O'Seis*, banda brasileira de Rock, que flertou com o experimentalismo e a psicodelia. A busca por experiências novas na música fez com que Rita Lee empreendesse carreira solo. Ao lançar o disco *Fruto Proibido*, anuncia-se 'Ovelha Negra', através dos versos: "Foi quando meu pai/Me disse:'Filha, você é a Ovelha Negra/Da família'/Agora é hora de você assumir/Uh! Uh! E sumir!". Rita Lee geralmente reconhecia e manifestava suas inquietações e contrastes a seu modo, também conseguiu manter, ao seu estilo, a pulsação do *rock* e a abertura a vários gêneros da música *pop* que desenhavam *Os Mutantes*. A versatilidade não só como compositora, mas também como intérprete revela irreverência e o lirismo de Rita Lee. Segundo Caetano Veloso, "Depois de canções como "Mamãe Natureza" e "Mania de Você", toda vez que encontrava com ela, a chamava de 'meu poeta'." Rita Lee não defendeu bandeira de movimentos feministas. A artista considera que a emancipação feminina acontece pelo trabalho. Em entrevista a *Revista Rolling Stone*, Rita Lee destaca a influência de Dolores Duran em sua vida e obra. Para a artista, "ela sempre me impressionou porque era uma mulher que compunha e cantava".² Sua obra revela-se pela ironia das linhas com sabor de 'erva venenosa' que colorem trocadilhos e paródias de outros gêneros musicais, como também por um lirismo-amoroso matizado pelos versos muito além do 'rosa-choque'. Ironia e lirismo nos versos de Rita Lee seduzem, provocam, envolvem. Nesta década do século XXI, Rita Lee continua demarcando seu espaço tecido pelo lirismo das ácidas linhas.

O outro artista é Agenor de Miranda Araújo Neto, o Cazuzu. Ele foi o poeta, compositor e cantor, que também trouxe ao cenário artístico da música popular brasileira a provocação, a contestação e provocou o resgate elementos culturais. Tal qual os anos sessenta, com Rita Lee, os anos de 1980 colocaram em cena Cazuzu, artista com personalidade que não tinha apenas o dom de deixar a todos perplexos com suas atitudes incomuns, mas também conseguiria dialogar como artistas canônicos como Rimbaud, Dolores Duran, Maysa, Cartola, Maiakovski, Baudelaire, Fernando Pessoa, Clarice Lispector, Jack Kerouac, dentre outros, bem como influenciar gerações futuras. E quando Cazuzu se manifestava publicamente nos veículos de comunicação, tinha-se a certeza de que: o estopim estava armado. Cazuzu declarou: "Não penso em fazer um livro de poesia. Eu faço discos de poesia". O tom provocador vai um pouco mais além ao comentar: "O artista não é um operário, que bate ponto e tal; eu não acredito que ninguém possa ser operário da arte, porque a arte é contra a transformação do homem em máquina". E para finalizar ele arremata justificando

² PRETO, Marcos. Rita Lee: A Maior Estrela do Rock Nacional. *Revista Rolling Stone*, São Paulo, n. 15, p.86-93, Dez. 2007.



que “o deboche é a maneira de estar vivo”, por que do contrário o baixo astral toma conta de qualquer um.³ A ideia de sua irreverência e rebeldia não ficou somente nos registros biográficos, mas também nas entrevistas, nos shows, na vida apreendida pela imprensa em que o privado se torna público. E numa outra entrevista Cazuzza disparava a seguinte frase: “Prefiro não acreditar no *day after*, no fim do mundo, no apocalipse. Um dia vou andar na nave espacial Colúmbia. Bêbado, claro, mas vou andar.”⁴ Essa profusão de sentimentos, de atitudes e de pensamentos batidos e chacoalhados num momento de inércia coletiva do brasileiro, em pleno fim da ditadura militar, só podia causar espanto. E causou. E para completar esta composição bombástica, Cazuzza diz em rede nacional que é portador do HIV. A explosão estava assim completa. Corpo e mente se fecham no conjunto de provocações que o artista não se furta de representar num palco iluminado por uma luz direcionada. Mas acima disso tudo, ele, sua *performance* e seus discursos, em suas composições, ‘mostrava a cara’. Cazuzza evocava palavras que refletiam em sua arte as posições assumidas pelo homem público. Infelizmente, de forma meteórica, Cazuzza terminaria seus dias como personagem de suas próprias canções, num entrelugar *Bossa Nova* e o *Rock’n Roll*. Sua morte, em 7 de julho de 1990, em decorrência da AIDS, deixou muitos consternados e reflexivos. A arte de Cazuzza, neste século XXI, desvela o caráter atual de seus versos, e também o presentifica. Suas composições ainda ‘polemizam’, e, principalmente, encantam, ‘polinizando’ sentimentos que *O tempo não pára*.

O Brasil de seu tempo: Nos anos oitenta, interstícios da ditadura e democracia, o panorama brasileiro era cantado por Rita Lee, que ao mesmo tempo em que denuncia as falcatruas, desenha o contexto artístico em “Arrombou o cofre”: “Oh! Oh! Brasil/Quem te vê e quem te viu/Pra frente, pra frente que até caiu/ O Sidney Magal rebola mais/ Que o Matogrosso”.

Cazuzza também sublinha a corrupção política e o contexto artístico em “Brasil”: “Brasil! Mostra tua cara/Quero ver quem paga/Pra gente ficar assim/Brasil!/Qual é o teu negócio?/O nome do teu sócio?/Confia em mim... Não me sortearam/A garota do Fantástico/Não me subornaram/Será que é o meu fim?”. As provocações cantadas traduzem gerações que precisam sobreviver à descrença enunciadas nos versos.

Lirismo-irônico: A opção por uma proposta profissional lírica e irônica e pelas atitudes irreverentes tornam as obras poético-musical de Rita Lee e de Cazuzza e suas vidas foco de controvérsias entre críticos de música, jornalistas e artistas. Rita Lee foi, aos poucos, se consolidando no *Rock’n Roll*, um contexto até então masculino. Passou a ser reconhecida por seu temperamento irrequieto, decidido e versátil, sensualidade e ironia. Na canção “Erva Venenosa”:

³ SÁ, Jussara B. de. **Cazuzza no vídeo O tempo não pára**. Tubarão: UNISUL, 2006, p. 64.

⁴ *Ibid.*, p. 65.



“Nas duas faces de Eva / A bela e a fera/Um certo sorriso/De quem nada quer.../Sexo frágil/Não foge à luta /E nem só de cama/ Vive a mulher...”. Segundo Marcus Preto, “ela entrou no masculino universo do *rock*, quebrou barreiras na ditadura militar e trouxe revoluções, sonoras e sexuais, para a música”.⁵ Ainda que não levantasse (ou levante) a bandeira do feminismo, percebe-se que muitos de seus versos demarcam, posicionam-se, possibilitando diálogo, dentre outras, com Simone Beauvoir, ao afirmar que a hierarquia social do feminino não é uma fatalidade biológica e sim o fruto de um processo histórico. Conforme Beauvoir, “[...] se a função de fêmea não basta para definir a mulher, se nos recusamos também explicá-la pelo eterno feminino e se, no entanto, admitimos, ainda que provisoriamente, que há mulheres na terra, teremos que formular a pergunta: O que é ser mulher?”⁶ Rita Lee responde a Beauvoir pela transgressão de um contexto no qual a menina deveria aprender a ser doce, amável, obediente, dependente, passiva, sonhadora, altruísta, ao denominar a mulher, em seus versos, como cigana, pirata, ovelha negra da família, inço. Essa resposta aparece nos versos da canção “Bem-me-quer”: “Diga que me odeia/Mas diga que não vive sem mim/Eu sou uma praga/Maria-sem-vergonha do seu jardim”. Ou também através da canção “Pagu”: “Só quem já morreu na fogueira sabe o que ser carvão.”

Muitos supostos críticos, inicialmente, não reconheceram valor da obra de Cazuza. Foi somente após suas declarações sobre seu gosto musical que perceberam as influências musicais de Cartola, Noel Rosa, Dolores Duran, Maysa, Lupicínio Rodrigues, dentre outros. Cazuza releu e reinventou as dores de amor de Dolores Duran. Na canção “A noite do meu bem”, a artista coloca os versos: “quero a alegria de um barco voltando/quer a ternura de mãos se encontrando/para enfeitar a noite do meu bem”. Esse sentimento migra, recebendo em versos de Cazuza uma continuidade, como na canção “Todo amor que houver nessa vida”: “Eu quero a sorte de um amor tranqüilo/ Com sabor de fruta mordida/ Nós na batida, no embalo da rede.” Sentimentos de escritores irreverentes, emblemáticos como Baudelaire também ecoam nas composições de Cazuza e até em seu modo de vida. A sensibilidade mórbida, a evasão, a revolta, as insatisfações do desejo humano, dos versos e do discurso desse escritor promovem marcas no discurso e nas composições de Cazuza. Baudelaire diz: “Se um poeta pedisse ao Estado o direito de ter alguns burgueses em sua cavalaria, haveria grande espanto, ao passo que, se um burguês pedisse poeta assado, todos o

⁵ Op. cit. PRETO, Marcos, p. 89.

⁶ BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: Vol 1 Fatos e Mitos. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 9.



achariam muito natural”. Cazuzza, em “Burguesia”, canta: “A burguesia fede/ Enquanto houver burguesia/Não vai haver poesia.”⁷

Conforme se observa, a produção artística de Rita Lee e Cazuzza revela migrações e influências de artes como: a literatura, o cinema e também com músicos. Se de um lado as composições de Rita Lee mostram reverência à personalidade de Carmem Miranda, e o lirismo e ironia do tropicalismo de Gilberto Gil e Caetano Veloso, dentre outros, por outro as múltiplas personalidades, as indecisões, as tensões de instabilidade da poesia e Fernando Pessoa e da prosa de Clarice Lispector inscreveram-se também como características na obra de Cazuzza.

Outros diálogos: Muitos artistas exerceram e continuam a exercer influências em seu contexto, em seu tempo. Sua arte pode ser responsável pela disseminação de idéias e até por mudanças de comportamento social. Os sentimentos migram e são apreendidos por outros artistas, recebendo olhares que os sintonizam. Sobre esse aspecto, Marshall McLuhan afirma que “Ezra Pound chamou o artista de “antenas da raça”. A arte, como radar, atua como se fosse um verdadeiro “sistema de alarme premonitório”, capacitando-nos a descobrir e a enfrentar objetivos sociais e psíquicos, com grande antecedência.”⁸ No âmbito destas reflexões, destacam-se a influencia também dos artistas internacionais como Jack Kerouac, os Beatles e do grupo Pink Floyd, em composições e no comportamento de Rita Lee e Cazuzza colocados em cena. Jack Kerouac foi um dos ícones e um dos idealistas da geração *beat*. A geração *beat* é considerada precursora do movimento *hippie*, por seu modo de vida, seus discursos e comportamentos contrários à sociedade norte americana do pós-guerra. Seus seguidores cultuavam a independência, a liberdade e o individualismo. Rita Lee demarcou o espaço da mulher no rock brasileiro. Nos versos de “Coisas da vida” canta: “Quando a lua apareceu ninguém sonhava mais do que eu/ Agora não é tempo/ Da gente se esconder.” Em “Agora só falta você”, revela: “Sei que eu nasci pra saber/ E fui andando sem pensar em voltar/E sem ligar pro que me aconteceu.” Cazuzza, em “Ideologia”, então vai cantar: “Os meus sonhos foram todos vendidos/ Tão baratos que eu nem acredito/Meus heróis morreram de overdose. (...) Disparo contra o sol/Sou forte sou por acaso.”

A banda britânica dos anos 60, os Beatles, demarcou seu tempo, dentre tantos aspectos, como propagadora do *Rock'n Roll*. Em Rita Lee, além de acordes de algumas de suas canções, também na interpretação e até na paródia da obra dos Beatles revelam a influência da banda bem.

⁷ Op. Cit. Sá, Jussara B. de, p. 65.

⁸ MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 8.ed. São Paulo: Cultrix, 1996, 14-15.



Nos discos *Build Up* (1970) e *Aqui, ali em qualquer lugar* registram a capacidade da artista em (re) inventar, com cores e tons próprios, composições dos Beatles.

Ecos da arte do *Pink Floyd* se fazem presentes na obra de Cazuzza. Na canção “O tempo não pára”, a melodia, os momentos de maior tensão são representados pelo estribilho, onde o arranjo de vocal feminino e o instrumental futurista e apocalíptico lembram as canções de *Us and Them* e *Comfortably numb*, desse grupo. A arte de Rita Lee e de Cazuzza consegue refletir o que Nelly Novaes Coelho⁹ considera como a fixação de três aspectos caracterizadores: sua arte é produto de um ato criativo; a cada instante ela corresponde, direta ou indiretamente, às concepções ideológicas da sociedade em que aparece; e ela é universal, intrínseca ao ser humano, ao longo de sua história. Assim sendo, sua arte desvela um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura.

O desejo: o veneno das frutas mordidas: A palavra desejo possui apreensão diferente, em sua etimologia. Se for observada como derivando do verbo *desidero* (latim), que, por sua vez, deriva-se do substantivo *sidus/sidera*(plural), significando a figura formada por um conjunto de estrelas, isto é, as constelações. Empregado como palavra de louvor (o alto), na teologia astral é usada para indicar a influência dos astros sobre o destino humano e, por sua vez, *desiderare* significa cessar de olhar os astros. Logo, para os latinos, desejar seria abandonar a referência, abandonar o alto, conduz a decisão de tomar o nosso próprio destino em nossas próprias mãos. Entretanto, essa vontade consciente nascida da liberação/libertação, é apreendida pelos os gregos de *boulésis*. Assim sendo, o desejo chamar-se-ia de carência, o vazio que tende para fora de si a busca do preenchimento, *hormê*. Sobre este aspecto, Adauto Novaes destaca, então que, “Se desejamos mais do que aquilo que os nossos olhos dizem e do que prometem as paixões é porque existe um movimento vivo e secreto do desejo que nenhum pensamento revela inteiramente.”¹⁰ Neste contexto, observam-se algumas canções de Rita Lee e Cazuzza como tradutoras desse movimento propulsionado pelo desejo que nega a proteção dos astros e também que procura preencher o vazio que os sentimentos declaram. Rita Lee, em “Fruto Proibido”, canta: “Quem foi que disse que eu devo me cuidar? Tem certas coisas que a gente não consegue controlar/ Comer um fruto que é proibido/Você não acha irresistível?/Nesse fruto está escondido o paraíso, o paraíso. Nos versos de “Bwana, Bwan”: “Bwana Bwana”/Teu desejo é uma ordem/Te satisfazer/É o meu prazer... Faço tudo/Faço tudo por amor..”. Cazuzza, em “Ideologia”, canta “O meu amor agora é risco de vida”.

⁹ COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e Linguagem:** a obra literária e a expressão lingüística. 2 ed. São Paulo: Quíron, 1976, p. 14.

¹⁰ NOVAES, Adauto (Org). **O Desejo**. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p. 12.



Também os versos da canção “Codinome Beija-flor”: “Que só eu que podia/Dentro da tua orelha fria/Dizer segredos de liquidificador.” Observa-se que os segredos de liquidificador na orelha fria, a velocidade, a destrutividade entram em consonância irônica com elementos que o moralismo conservador considera arquétipos da destruição do homem: sexo/bebida, um desejo que enseja desilusão. O sexo, o prazer (o gozo ou o instante pleno da felicidade), contamina, leva as pessoas sexualmente ativas ao lugar de vítimas e de culpadas. O HIV é o vírus invasor que se instaura e domina. Na canção “Todo amor que houver nessa vida”: “Eu quero a sorte de um amor tranqüilo/Com sabor de fruta mordida”, o desejo da harmonia, apesar de subvertido pela referência edênica da metáfora “fruta mordida”, é restaurado nos últimos versos desta canção: “Todo amor que houver nessa vida/ E algum remédio que me dê alegria”. Neles, o poeta registra o amor como necessidade do espírito, o remédio como necessidade do corpo. Dessa maneira, para o ser humano, a felicidade e a plenitude são obtidas, através da sincronia, harmonia entre a matéria e o espírito, pois, tão importante quanto a “sorte de um amor tranqüilo”, é o remédio que lhe dê alegria, e esta é a libertação de sua doença.

Outras reflexões: A linguagem da arte tem se configurado como uma forma de expressão e de conhecimento humano com presença fundamental e expressiva na dinâmica da cultura humana. Muito ainda se tem a dizer sobre a arte e suas interfaces, sobre as interferências e migrações que se enunciam. Esse é um desafio que constantemente se atualiza. Rita Lee canta que “Nem sempre tem vento/Mas sempre tem jeito pra dar”, para Cazuzza “ainda estão rolando os dados (...) o tempo não pára”. Rita Lee e Cazuzza, de maneira rizomática, continuam germinando lirismo e ironia em tons e sons de irreverência. Sua arte influencia e contamina muitos das gerações que os precedem. Rita Lee canta e se espalha: “Um dia eu viro semente/E quando a chuva/Molhar o jardim/Ah! Eu fico contente/E na primavera/Vou brotar na terra.” Cazuzza, como no gesto do beija-flor, ‘de flor em flor’, continua a contagiar, emocionar e sobrevoar os tempos.

Referências bibliográficas

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: Vol 1 Fatos e Mitos. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão lingüística**. São Paulo: Edições Quiron, 1986.

LEE, Rita. **Rita Lírica**. São Paulo: DBA&Melhoramentos, 1996.



MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1996.

NOVAES, Adauto (Org). **O Desejo.** São Paulo: Cia das Letras, 1988.

PRETO, Marcos. Rita Lee: A Maior Estrela do Rock Nacional. **Revista Rolling Stone**, São Paulo, n. 15. Dez. 2007.

SÁ, Jussara Bittencourt de. **Cazuza no vídeo *O tempo não para*.** Tubarão: Unisul, 2006.